

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
E PROCESSOS INCLUSIVOS**

ALINE BARROS SILVEIRA

**O BRINCAR COMO OBJETO TRANSICIONAL
NA HUMANIZAÇÃO DO OUTRO**

Porto Alegre

2009

ALINE BARROS SILVEIRA

**O BRINCAR COMO OBJETO TRANSICIONAL
NA HUMANIZAÇÃO DO OUTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadoras:

Profa. Simone Moschen Rickes

Profa. Ana Carolina Rios Simoni

Porto Alegre

2009

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de muita pesquisa e prática educacional especial. Noites escrevendo, após chegar exausta do trabalho, porém com uma vontade imensa de colocar no papel tudo aquilo que durante sete meses foram vivenciados. Dias distantes do marido e amigos, sem dar a eles a devida atenção. Momentos de angústias, por muitas vezes fugiram de mim as palavras que queria colocar no papel...

Ao concluir mais essa etapa quero agradecer...

Às minhas orientadoras, Simone Moschen Rickes e Ana Carolina Rios Simoni, por terem me incentivado em muitos momentos de inquietação.

Aos meus colegas de grupo de orientação, pelo incentivo e contribuição aos meus escritos.

Aos professores e monitores do Curso de especialização, pela dedicação e atenção.

Aos meus pais, pela força atribuída, mesmo distante, mas com muita dedicação e amor.

Aos meus avós que me apoiaram sempre durante os meus estudos e crescimento.

Aos meus tios Marcelo Soares e Cláudia Soares, pelo acolhimento em um momento em que mais precisei.

Às minhas colegas de trabalho Graziela, Vanessa e Andreza que, incansavelmente, me emprestaram bibliografias para o desenvolvimento desse trabalho.

E, por fim, ao meu marido, pelas noites de paciência e dedicação.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor da sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformam os inseguros em seres humanos de raro valor.

Os sonhos fazem os tímidos terem golpes de ousadia e os derrotados serem construtores de oportunidades.

Augusto Cury

RESUMO

O brincar por anos foi considerado apenas como atividade realizada por crianças. Hoje se compartilha a noção de que as pessoas brincam porque se sentem bem, e isso não se restringe apenas às crianças, mas também aos adultos que descobrem no lúdico uma forma de encaminhar suas angústias. Todos podemos tirar proveito do brincar, independentemente da idade que temos, ou da dificuldade cognitiva, motora ou intelectual que apresentamos. O importante é que brinquemos para que tenhamos a possibilidade de expressar aquilo que nos ocupa internamente. O presente trabalho trata de um estudo de caso realizado em uma instituição renomada de educação especial do município de Porto Alegre-RS, na qual, durante sete meses, um aluno com comprometimento psíquico foi acompanhado. O aluno em questão, na época com 22 anos, apresentava-se num isolamento que colocava um impasse importante a qualquer proposta pedagógica. Este isolamento sofreu uma ruptura quando o rapaz fez surgir na sala de aula seu interesse por carrinhos. Ele chega à escola com um carrinho em mão e este objeto, acolhido e valorizado pela professora, passa a funcionar como uma ponte para um incipiente diálogo. O modo como o rapaz se utiliza deste carrinho nos remete à teorização de Winnicott (1975) sobre o objeto transicional. Aqui, o objeto transicional entra como suporte na transição de apego do aluno, que durante um longo período se negou a participar de atividades e se relacionar com quem estava a sua volta. A humanização é tarefa difícil e nunca acabada, principalmente quando a pessoa em questão sofre de um certo isolamento. Nesse período, muita coisa foi questionada e analisada e isso fez com que esse assunto fosse ainda mais desenvolvido. Percebemos, através deste estudo de caso, o quanto o brincar pode se colocar como possibilitador do diálogo e de uma certa abertura ao mundo.

Palavras-chave: brincar, instituição, humanizar, outro.

SUMÁRIO

1. A DESCOBERTA...	7
1.2 DO ENCANTAMENTO AO DESAFIO	7
2. A PIOR CRISE	10
2.1 LAUDO ATUAL E UM NOVO TRABALHO	10
3. SIGNIFICADO DA PALAVRA BRINCAR	14
3.1 A NECESSIDADE DE BRINCAR	18
4. BRINCAR E A INSTITUIÇÃO	20
5. A HUMANIZAÇÃO DO OUTRO COM O OUTRO	23
6. DESABAFO E UMA GRANDE LIÇÃO	27
REFERÊNCIAS	29

1. A DESCOBERTA...

1.1 DO ENCANTAMENTO AO DESAFIO

Durante todo o ano de 2008 trabalhei em uma instituição de educação especial, na qual havia 310 pessoas em tratamento constante de várias deficiências. Nessa instituição, eu tinha 31 alunos, todos acima de 18 anos, sendo que o mais velho tinha 46, com diferentes problemas, sendo que uns até mesmo sem diagnóstico clínico.

Essa turma era dividida em quatro grupos diferentes, de forma que uns iam à escola às segundas, quartas e sextas pela manhã, outros nos mesmos dias, mas à tarde, e mais duas turmas nas terças e quintas de manhã e à tarde. Distribuíam-se em torno de 8 alunos para uma professora, sem auxiliar em sala de aula, sem uma pessoa para ajudar em sala no andamento das aulas que muitas vezes eram bem difíceis, pois eles dependiam muito de mim. 90% dos alunos eram cadeirantes e possuíam problemas motores severos, necessitando de auxílio até para comer. Estes alunos geralmente não se “portavam soltos”, pois a instituição tinha receio de que eles surtassem fora da sala de aula e algo de ruim acontecesse com eles ou com outras pessoas.

Em cada turma havia uma particularidade, alunos com diversas denominações, todas dadas por neurologistas e psiquiatras, laudos esses que já chegavam prontos até nós e em cima deles é que tínhamos de desenvolver o nosso trabalho. De qualquer forma, realizávamos o nosso trabalho da melhor maneira possível, mesmo que em alguns casos desconfiássemos do diagnóstico. Digo “nosso trabalho”, pois junto a mim trabalhava um psicólogo, dois fisioterapeutas, um terapeuta ocupacional e duas fonoaudiólogas.

Ali havia profissionais com muitos anos de experiência, e mesmo eles ficavam impressionados com a minha turma, porque havia momentos que eram enlouquecedores. Falo enlouquecedores, porque muitas vezes os surtos eram incontrolláveis, o que deixava os profissionais com dificuldades significativas para administrá-los.

A instituição era e é renomada na cidade e, mesmo assim, apenas trabalhando lá ou estando do lado de dentro para ver o quanto certas atitudes revelavam espaços e práticas mal administrados. Às vezes, parecia que estávamos trabalhando em um hospício, onde as únicas pessoas “certas” eram as que trabalhavam fora daquela desorganização. Havia atitudes horríveis que os diretores tomavam como medidas de economia: lenços umedecidos nunca eram usados, usavam “perfex”, esfregão de louça, para fazerem a higiene dos alunos, quando faziam necessidades fisiológicas, pois a grande maioria usava fraldas. Muitas vezes as mesmas luvas eram utilizadas em várias trocas, coisas desse tipo que considerava lamentáveis, mas contra as quais os funcionários não podiam reclamar, para não perderem seu emprego. Quem se pronunciava ou “falava demais” era desligado da instituição.

Além disso, as pessoas que iam visitar não tinham um prévio conhecimento e, quando menos esperávamos, nos avisavam para fazermos alguma atividade porque teríamos a visita de algum empresário com seus funcionários naquele momento. Isso tudo nos deixava chateados, pois parecia que tínhamos que “fazer bonito” apenas naquele instante e que não poderíamos deixar que os nossos alunos fossem aquilo que realmente são; como se o resto do trabalho diário não importasse, mas sim o que eles queriam enxergar.

As pessoas chegavam às nossas salas e ficavam olhando com expressão de medo em seus rostos, de leigas mesmo; portanto, ali o que estava em jogo era o dinheiro investido pela empresa que iria ajudar e a vontade de tirar uma foto e aparecer no jornal, pois isso dava prestígio para aqueles que acreditavam em estar realmente ajudando os nossos alunos.

Na verdade, como a minha sala era envidraçada, me sentia junto com eles em um aquário, onde o melhor peixe estava sendo analisado para a venda; era bem constrangedor. Como os alunos supostamente não tinham conhecimento do que estava acontecendo, não falavam nada. Já nós, profissionais, nas reuniões, a todo momento citávamos a situação, mas nunca deram ouvidos a nós; na realidade, a mim.

Analisando por outro ponto de vista, as pessoas não tinham culpa de tudo isso, e sim, que deixava isso acontecer. Muitas vezes fui conivente, fazia

tudo aquilo que era mandado por eles, mas eu amava aqueles alunos, trabalhar com eles era uma satisfação, embora apenas para poucos profissionais fosse assim. Eu não enxergava ali o meu salário, que era bom, mas pessoas que precisavam de mim para ter o mínimo de qualidade de vida.

Quando havia reuniões com os pais, tínhamos que falar que tudo estava maravilhoso, que seus filhos estavam desenvolvendo, o que de fato não era verdade, pois muitos não conseguiam interagir com o meio e isso tinha que ser abafado para seus responsáveis. Isso tudo doía muito em mim, e por essa razão, na última reunião da qual participei falei realmente o que os seus filhos faziam, e não a mentira que eles queriam que eu contasse.

A consequência disso foi perder o meu emprego. No início, doeu muito, mas depois consegui enxergar ainda mais as barbaridades que eram feitas ali e isso fez com que eu escrevesse tudo aquilo que ficou preso dentro de mim durante um ano.

2. A PIOR CRISE

Quando chegava algum aluno “surtado”, como comumente se chamava, era bem complicado de contê-lo, o que gerava um desconforto em toda a escola.

Havia um aluno em específico, o Leo (nome fictício), que na sua infância foi diagnosticado com autismo. Com o passar dos anos e o avançar das pesquisas, viu-se que não era apenas autismo e sim algo mais agravante, a psicose, gerando assim um incômodo maior em sua família. Conversávamos muito com a sua mãe e, aos poucos, fomos descobrindo particularidades sobre como se portava a sua família em relação ao menino. Nesse momento, nos foi revelado que o pai de Leo não aceitava que o filho de 22 anos fosse assim e o tratava como um adulto normal, o que o deixa muitas vezes bem fora de si. A mãe também acreditava que seu filho poderia, um dia, se tornar melhor, pois a todo momento ela frisava que quando saía com ela pela rua, Leo se portava como se não apresentasse nada, que “olha e pensa” de determinada forma, “pois ele me ajuda, carrega as minhas sacolas, anda ao meu lado”, atitudes essas que para a mãe, segundo suas próprias palavras, são sinônimo de um adolescente perfeito. Toda vez que Leo “surtava” na escola, a mãe o afastava da escola por mais ou menos duas semanas, pois acreditava que esse tempo era bom para a sua recuperação. Quando eu soube disso, logo interferi e pedi para que ela não o fizesse mais, pois isso só fazia com seu desenvolvimento sócio-afetivo voltasse ao zero e tudo o que havia trabalhado até ali iria ter que se feito novamente.

2.1 LAUDO ATUAL E UM NOVO TRABALHO

O atual laudo de Leo é de psicose, emitido e avaliado por psiquiatras, psicólogos e neurologistas. Foi através desse aluno que tive a vontade de escrever sobre esse assunto.

A cada crise do Leo, eu via uma pessoa que pedia ajuda; mesmo que não falasse, ele queria alguma proteção, até porque não era sempre que ele chegava “surtado”. Por não possuir linguagem oral, era muito dificultado o entender do que realmente estava acontecendo com ele. A única maneira de comunicação era com o corpo quando, de maneira bem agressiva, “partia para cima” de quem fosse para tentar fazer aquilo que desejava.

Houve um dia na sala de aula em que ele já chegou chorando muito, gritando e querendo se machucar a todo custo; foi quando ele tirou o seu sapato e deu um chute na parede, fazendo um buraco nela. A partir desse momento, outras pessoas tiveram que entrar em sala de aula e ajudar, evitando que ele se machucasse ainda mais.

Depois de um bom tempo de conversa com ele e sem obter resultado, chamamos a sua mãe e descobrimos que no dia anterior seu pai havia brigado com ele, pois queria que ele “agisse como homem”, coisa essa que é bem difícil para uma pessoa com suas características. A mãe, na hora da entrada, deveria ter avisado toda a equipe antes de o menino ingressar na sala de aula do ocorrido, mas, ela mesmo disse; não achou necessário, pois Leo estava bem ao vir até a instituição.

Sabendo disso, cheguei até ele e conversei sobre o pai e pedi que toda vez que ele não estivesse gostando de algo que não se machucasse, e sim pedisse ajuda a mim ou aos outros funcionários, que estávamos ali para isso. Leo, ao ouvir, baixou a cabeça e cansado de tanto chorar pegou um colchonete, que havia na sala e dormiu o resto da manhã.

Ele era um aluno que só fazia o que tinha vontade, nada que lhe era pedido fazia, porém respeitava muito a minha voz de comando e não agredia de forma alguma ninguém, pois a todo o momento eu afirmava que as pessoas estavam ali para ajudá-lo e não para deixá-lo triste. Só conseguimos fazer com que ele se misturasse com os outros colegas na hora do lanche, hora essa bem complicada, pois ele era compulsivo por comida e comia um pacote de bolacha recheada em segundos. Após o término do seu lanche, queria comer o de seus colegas, gerando assim uma briga enorme na turma. Muitas vezes tive que deixá-lo se alimentando sozinho para que ele não importunasse seus colegas, evitando assim que ele tivesse outra crise dentro de sala de aula.

A partir da experiência com esse aluno, comecei a ler artigos sobre psicose e tentar fazer com que ele interagisse com a turma. O único retorno que tive foi quando dei para ele manusear carrinhos tipo “hot-wheels” e descobri que ele gostava muito disso. Essa descoberta se deu quando um dia ele entrou na sala de aula com rodinhas de carro nas suas mãos e não consegui de forma alguma tirá-las de sua mão.

Lógico que essa descoberta levou um bom tempo, pois a cada dia eu propunha algo que pudesse ser montado e desmontado, como blocos lógicos; essa tentativa, inclusive, foi bem frustrante, pois ele nem olhou para o jogo. Na outra semana, introduzi caminhões de plástico: mais uma tentativa sem sucesso. Nesse momento, lembrando o tamanho das rodinhas que ele tinha na mão, resolvi levar carrinhos em miniatura para ele. Logo de início, Leo começou a manusear um de cor prata com azul e brincou com ele durante um certo tempo. Depois começou a desmanchá-los, mas até então isso era saudável em cima do objetivo que eu queria que ele cumprisse, isto é, interagisse com seus colegas, mesmo gerando ligeiras brigas porque os outros não queriam que ele desmontasse os carrinhos. Havia ali uma troca, o que me deixou satisfeita com o seu pequeno desenvolvimento.

Em todas as aulas eu levava um carrinho diferente para que ele pudesse brincar e desmanchar, mesmo com a intolerância dos outros colegas. Isso fez com que ele obtivesse uma maior confiança em mim e escutasse aquilo que eu lhe falava, tanto que consegui com que ele lavasse as suas mãos antes de lanchar, hábito que até outubro de 2008, eu nunca havia conseguido fazer com que ele desenvolvesse. Acredito que aqui conseguimos obter uma troca de interesses, pois ele conseguiu perceber que quando me ajudava, teria a possibilidade de ter outros carrinhos para brincar, mesmo que não imediatamente, no mesmo momento.

Depois disso, comecei a proporcionar momentos de brincadeiras em aula, mesmo que eles fossem adultos. Vi que não brincavam em casa, até porque muitos eram tratados como adultos. Lembro como se fosse hoje a felicidade de uma aluna quando dei a ela uma coroa para ela colocar na cabeça, e ela dizia “sou uma princesa”. A escola não possibilitava isso a eles, tanto que no dia das crianças eles não ganhavam brinquedos, porque já eram

“grandes”; sempre o presente era uma caixa de bombons, coisa que não chamava a atenção deles. Já se fosse um brinquedo, com toda a certeza isso os deixaria contentes. Ali todos eram fisicamente adultos, homens e mulheres, porém psiquicamente crianças, onde o imaginário ainda se fazia presente na construção da identidade de cada um.

Com o aluno especial, pequenas coisas que conseguimos fazer já nos deixam felizes, pois tudo é complicado até mesmo a sua higiene pessoal no dia-a-dia, como lavar as mãos, se torna muito complicado para um aluno psicótico. Em sete meses consegui isso, que Leo brincasse com um carrinho e gostasse disso, o que me deixou feliz, mas ao mesmo tempo triste por não ter conseguido ainda mais. Hoje, porém, consigo compreender o quanto é complicado fazer com que um psicótico interaja com outras pessoas e eu consegui, por alguns momentos que ele brincasse com seus colegas, mesmo que esse brinquedo fosse desmontado ao final do manuseio. Foi importante a interação que ele obteve com todos em sua sala de aula, pois conseguia ficar mais tempo sentado à mesa junto aos seus colegas brincando ou “brigando” pelo seu carinho.

Aqui muitas perguntas começam a surgir, como: Será que esse menino brincou quando pequeno? Será que o seu psiquismo ainda é infantil? Será que seus pais vão conseguir lidar com essa realidade? Qual a importância do brinquedo e do brincar para esse aluno? Como isso se faz importante para o seu desenvolvimento?

Foram muitas as perguntas surgidas e geradas enquanto eu escrevia. Para muitas não consegui obter conclusões específicas. A questão que mais me chama atenção, no entanto, é a última aqui colocada, qual seja, até onde o brinquedo e o brincar ajudam no desenvolvimento do aluno com um transtorno tão severo.

3. O SIGNIFICADO DA PALAVRA BRINCAR

Há muito tempo, vários autores pesquisam sobre esse assunto como Marlene Lorenzini (2002) e Marie-Renée Aufauvre (1987), entre outros. Entretanto, cada um tem sua ótica de análise e sua linha de pesquisa, o que esmiúça ainda mais esse leque de possibilidades que é a palavra “brincar” que tanto as crianças utilizam durante a infância.

Desde a pré-história, as pessoas já utilizavam algum objeto como forma de brincadeira. Em escavações arqueológicas foram encontradas bolas de couros com seu interior de crina de cavalo e outros materiais. Além disso, na Grécia e em Roma da Antiguidade, bonecas articuladas com barbantes eram muito utilizadas. Já na Idade Média, a fabricação de brinquedos fazia parte da economia dos países. Em cidades da Alemanha, por exemplo, no século XV, já se fabricavam brinquedos.

As pessoas brincavam e continuam brincando porque gostam, isso porque sentiam-se ou se sentem bem quando estavam ou estão brincando. Ali, no ato de brincar, muitas vezes lembranças eram e são recordadas, podendo ser revividas através daquele momento de descontração. Um bom exemplo disso é a famosa amarelinha, na qual uma pessoa pulava em casas numeradas, sendo que não podia subir sobre o que estava a pedrinha se não perdia. Essa brincadeira perpetua até os dias atuais e vemos crianças e até pessoas maiores ainda brincando; é uma brincadeira tão gostosa que mesmo que, quando brinco com os meus alunos, me divirto muito e lembro-me da minha infância. Outra boa brincadeira que ainda vemos dentro das escolas são as de jogo de mãos, como [flaisi, enga la enga], entre outras, nas quais as crianças necessitam de uma certa coordenação com as suas mãos para não errarem as palmas, pois há uma seqüência delas que exige muita concentração e uma certa velocidade. Segundo Mayles (2002), “o brincar, conseqüentemente, tem um contexto, uma adequação e um registro que deveriam dar-lhe o status de qualquer outro traço essencialmente humano” (MAYLES, 2002).

Para a criança, o brincar, segundo Males apud Stone (1982), é uma prioridade. Aqui o ser brinca, faz com que a brincadeira faça parte do seu contexto independentemente do que aconteça na sua vida. Brinca-se porque se gosta, dando o indivíduo o devido valor àquilo que o brincar representa.

Ao ler vários autores, uma me deixou bem satisfeita com a sua conclusão sobre o brincar. Segundo Roza (1999), o brincar, por sua vez, é uma atividade consciente, inscrita numa realidade perceptivo-motora mediatizada por objetos reais nas quais os rumos de ação são determinadas pela criança. Ao ler sua obra comecei a pensar no que realmente significava a criança brincando e tudo que através disso ela pode concretizar para seu desenvolvimento motor e psicomotor.

A palavra “brincar” permite uma diferença clara do “jogar”, do jogo com regras e fins definidos. Winnicott (1975) define o brincar (play) como uma experiência essencialmente criativa, diferente do jogo (game), que restringe o aspecto criativo do brincar. Além disso, ele diz que o brincar é encontrado numa área intermediária de experiência, entre uma realidade psíquica interna, experiência subjetiva "quase-alucinatória", e uma realidade objetiva, equivalente à noção de "realidade material" freudiana. Por fim, de segundo esse autor, o brincar pressupõe a existência de uma área intermediária que, por sua vez, não está posta desde o início.

Benjamin (1985) diz que brincar é um diálogo. O brincar foi importante para o desenvolvimento do Leo, pois através dele talvez possamos construir as condições de diálogo, transpor ainda que temporariamente o isolamento no qual ele se encontra.

O fato de Leo ter o seu carrinho fazia com que ele conseguisse, de certa forma, dialogar com quem estava em sua volta, pois em alguns instantes ele brincava, fazia sons e ao mesmo tempo observava tudo que ali se passava. Mesmo brincando, observava a todo momento tudo aquilo que seus colegas estavam fazendo e, se fosse de seu interesse, pegava o seu carrinho na mão e ia em busca daquilo que queria, que geralmente se dava por causa de comida, isto é na hora do lanche.

Aqui podemos pensar que brincando a criança ou o adulto expressa, entre linhas, o que realmente quer externalizar aos outros. Tanto Benjamin

como Huizinga (1987) dizem que, tanto a "função significante" quanto o caráter de "diálogo" das brincadeiras e jogos, permitem esclarecer porque o brincar se tornou um dos instrumentos mais importantes na técnica psicanalítica com crianças. Para esse autores, a função significante vai ao encontro de dar sentido a alguma coisa, entender aquilo que se tem. Portanto, no caso de Leo, de certa forma ele estava tentando dar sentido, mesmo que involuntariamente, àquele brinquedo que foi o meio pelo qual ele conseguiu obter uma forma de diálogo com o outro.

Fala-se tanto em criança, mas o Leo até então é um adulto, porém apenas na idade cronológica, pois na psíquica é como se fosse uma criança em pleno desenvolvimento psicomotor.

Brincar é o meio de expressão mais importante da criança e que quando utilizamos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações quanto aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos. Cada um desses elementos lúdicos é uma indicação para o observador experimentado, já que, enquanto brinca, a criança também fala e diz toda a parte de coisas que tem valor de associações genuínas. (KLEIN *apud* PINHO, 2001, p.31).

Falar que o brinquedo é uma forma de diálogo dentro do meio em que as crianças estão é verdadeiro, já que, até em culturas diferentes a criança brinca, expressa, cria e fala, diz aquilo que realmente ela quer dizer, mesmo que seja brincando. Podemos afirmar isso de acordo com Jerusalinsnky (1999), quando ele fala que o brinquedo é escolhido ou construído nas formas que facilitem o trânsito de um discurso preexistente, discurso que articula o desejo do sujeito na cultura.

A criança quando brinca torna a sua imaginação concreta e a articula à ela mesma. No momento em que está brincando ela consegue diferenciar o que é fantasia do que é realmente realidade. Brincar faz parte da nossa construção, pois conseguimos fazer tudo aquilo que temos vontade através daquilo que brincamos. Assim, o brincar, segundo Santos (1999), é enfocado tanto como fenômeno filosófico como sociológico, psicológico, criativo, psicoterapêutico, pedagógico, e também por outros ângulos de regência mais

restrita e particularizada. Contudo, o importante não é o seu significado e sim a forma com que conseguimos brincar.

Quando falo em brincar, a todo o momento me vem à imagem do Leo manuseando aquele carrinho, sorrindo, fazendo sons, interagindo com o meio; vejo também o quanto é importante aquele tipo de brinquedo para uma futura inter-relação com as pessoas. O simples fato dele “arrancar” os “carrinhos” das mãos dos outros já se torna possível uma troca de satisfação em estar, até então, no poder do brinquedo, enfim, estar no comando da situação.

As crianças aprendem brincando e um bom exemplo disso é na educação infantil, pois ali a criança brinca, tem novas vivências, experiências, e através disso vai descobrindo tudo aquilo que está a sua volta, tendo cada vez mais interesse por outras coisas que até então só são aprendidas nos anos iniciais como, por exemplo, saber ler e escrever. O adulto com necessidades especiais, assim como as crianças, também aprende brincando, mesmo que isso leve um bom tempo para ser entendido; ele aprende, e muito, com o brinquedo.

O brincar assume a dimensão da transicionalidade, pois envolve a confiança no mundo externo e a capacidade de estar só na presença de outros. Concomitantemente, o brincar diz respeito a um brincar com a realidade, ou seja, o reconhecimento de uma realidade compartilhada (AZEVEDO & cols., 2008).

O simples fato de pensar que podemos brincar para aprender já faz com que tenhamos um olhar diferenciado do mundo em que vivemos. Demo (2001) afirma que, “aprender é, no seu âmago, saber fazer-se sujeito de história própria, individual e coletiva” (DEMO, 2001, p. 51). Portanto, o simples fato de brincar com algo estabelece para si e para o outro um momento real de aprendizagem.

3.1 A NECESSIDADE DE BRINCAR

Toda criança tem a necessidade de explorar tudo aquilo que ela tenha vontade, e para isso ela usa a brincadeira. Brinca porque descobre, e descobre porque tem a possibilidade de imaginar aquilo que ela sempre quis saber.

Muitos estudiosos ainda defendem a idéia de que “a criança brinca para dominar angústias ou dar vazão à agressividade” (SANTOS, 1999, p. 111). Realmente, isso pode ser verdadeiro, pois muitas das suas expressões e anseios são observados através da brincadeira, e isso é de extrema importância para ela e para a pessoa que consegue enxergar e entender o que realmente ela está tentando dizer. Toda criança brinca porque gosta, porque isso faz bem a ela e dá prazer.

Foi Froebel que viu o brincar como atividade responsável pelo desenvolvimento físico, moral e cognitivo das crianças e pelo estabelecimento das relações entre os objetos culturais e a natureza. Brincando, a criança cria a sua personalidade e identidade, é em cima daquilo por ela construído que adquire uma maior visão de conhecimento sobre o mundo em que ela vive.

Assim como as crianças, todos temos a necessidade de brincar, pois é através das brincadeiras que realmente conseguimos dizer aquilo que não falamos quando não estamos brincando, isso afirma um velho ditado popular: “É brincando que se diz a verdade”.

O que a maioria dos adultos deixa de reconhecer é exatamente quando eles próprios brincam em sua vida adulta, e a menos e até que possamos aceitar esse brincar e valorizá-lo em suas muitas formas, será difícil para alguém valorizar o brincar das crianças como algo além de uma atividade ociosa (MOYLES, 2002).

De um modo geral, a criança para de brincar assim que termina o interesse; isso faz com que ela mude de brinquedo. Porém, quando se trata de um adulto como o Leo, tudo é diferente, pois ele brinca, teoricamente, apenas com um objeto e interage apenas com aquilo com que tem nas mãos, e sem a disponibilidade de troca, gosta apenas de brincar com aquele mesmo objeto durante muito tempo.

Todos nós temos que brincar independentemente da idade, ou dificuldade cognitiva, motora ou intelectual, o importante é que brinquemos para que tenhamos a possibilidade de nos libertar daquilo que está preso dentro de nós e possamos falar brincando daquilo que realmente gostamos.

Se brincar é viver, se brincar é sorrir, brincar realmente é colocar para fora tudo aquilo que queremos dizer. Concluimos aqui que o brinquedo fala, e muito, e todos têm a necessidade momentânea de brincar. Ninguém vive apenas para o obscuro, e sim para vida, por termos, também, a necessidade de sermos crianças e brincarmos sem achar que retrocedemos no tempo, mas sim, acreditar que ainda podemos, por instantes, não ter responsabilidades.

4. O BRINCAR E A INSTITUIÇÃO

O brincar passa a ser importante a partir do momento em que ele se torna prazeroso a quem está brincando. Quanto a isso, não importa a idade que o ser humano tenha, e sim, a importância que ele dá ao ato de brincar.

Mello (1989), em suas escritas, diz que: “o uso dos objetos transicionais refere-se, na vida da criança, ao aprender a brincar”, a que Winnicott emprestou uma especial atenção, como nenhum outro analista jamais deu. Até então, ele mostra que o brincar era utilizado em psicanálise, desde Melanie Klein, apenas como forma de acesso ao mundo interior da criança, menos como preparo para a terapia e muito menos terapia em si. Winnicott nos propõe inverter os fatos. Devemos começar sempre pelo brincar, “pois o brincar é universal”.

Para dar uma maior explicação sobre a importância de ter um objeto como forma de projeção de suas angústias e do brincar, citarei agora a hipótese original sobre os objetos transicionais e fenômenos transicionais.

Segundo Winnicott (1975), a hipótese original significa que os bebês tendem a usar o punho, os dedos e os polegares em estimulação da zona erógena oral, para a satisfação dos instintos dessa zona, e também em tranqüila união. A maioria das mães permite aos seus bebês algum objeto especial, esperando que eles se tornem, por assim dizer, apegados a tais objetos. É importante também ressaltar que Winnicott (1975) também fala que o balbúcio do bebê e o modo como uma criança mais velha entoava um repertório de canções e melodias enquanto se prepara para dormir, incidem na área intermediária enquanto fenômenos transicionais, juntamente com o uso que é dado a objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos à realidade externa.

Para ficar mais compreensível essa teoria, Mello (1995) faz um resumo de tudo isso de maneira clara e objetiva. Diz que Winnicott agregou um sem número de dados e correlacionou-os todos com as ansiedades de separação da figura materna por volta da fase do desmame. Designou objetos e

fenômenos transicionais, aos quais a criança se liga para substituir, transitoriamente, a figura materna da qual precisa se individualizar.

O Leo era uma pessoa que necessitava de algum objeto concreto, (talvez esse tivesse sido apresentado pela mãe durante a sua infância), para que conseguisse obter satisfação em estar em um local que ele não compreendia. Fazia assim a transição do seu brinquedo para o meio, onde através dele conseguia extravasar aquilo que estava dentro de si para o exterior a sua volta, que no caso dele era a escola. Trazia o objeto real para si e não o largava de forma alguma, transpondo assim, como já foi falado, o seu interior. Porém, é importante dizer que o objeto transicional não é um objeto interno (por sua vez é um conceito mental) e sim uma possessão. Para o bebê, é apenas um objeto simbólico, onde o único sentimento é que aquilo é seu.

Explicar a relação de objeto transicional com o simbolismo se torna coerente, a partir do momento em que o autor faz uma pequena junção dos fatos, isto é, diz que é verdade que a ponta do cobertor é simbólica de algum objeto parcial, tal como o seio da mãe. No entanto, o importante não é tanto seu valor simbólico, mas sua realidade, deste aceitar a diferença e a similaridade.

O concreto no caso de Leo é presente: ter partes do carrinho faz com que ele consiga compreender que aquilo faz parte do todo como um objeto transicional. Assim, pequenas partes formam o simbólico em busca da realidade de sua imaginação e projeção dos fatos. Aqui o apego se torna presente, uma vez que de maneira alguma ele solta o brinquedo, a não ser na hora do lanche, quando larga o mesmo na sua frente, não perdendo assim seu objeto diante dos seus olhos.

O brinquedo na instituição era bem aceito, mas no caso dos adultos era bem diferente, até porque partimos do princípio de que adultos não brincam. Dessa forma, obviamente, não teriam brinquedos e não os levariam para escola. No caso de Leo, todavia, era bem diferente, pois era através do brinquedo que conseguia ter uma forma de comunicação com quem estava a sua volta e, neste caso, a instituição não estava acostumada a lidar com essa individualidade.

Quando blocos lógicos de espuma eram dados por mim a eles, para que montassem, empilhassem, não eram bem vistos por quem estava de fora dos fatos, pois era uma turma de adultos e, segundo os olhares de fora, o importante não era trabalhar a lógica, e sim o seu corpo. Naquele momento, no entanto, embora eles estivessem “trabalhando” apenas a vontade de empilhar os objetos e isso não tivesse lógica para nós, conscientes do meio em que vivemos, eles estavam descobrindo maneiras de manusear aquelas espumas. Por não acreditar apenas nisso, utilizei muito jogos, brinquedos e brincadeiras no decorrer das aulas, e foi dessa forma que consegui obter maior êxito com os alunos, já que a cada dia que passava eles interagiam ainda mais comigo. Lembrando Winnicott, “a importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais” (WINNICOTT, 1975).

O brinquedo agora já estava inserido naquela sala de aula, mesmo que, de certa forma, um pouco escondido, mas fazia parte do nosso dia-a-dia. Quando eles manuseavam aqueles carrinhos, blocos lógicos, bonecas, eu percebia, pela impressão que me dava, que o desejo por estar ali se fazia prazeroso. Lembro que, no natal, uma instituição fez uma doação de presentes e, na caixa, tudo que tinha eram brinquedos. A moça que estava entregando disse “eles são adultos, o que vamos dar a eles?”. Eu olhei para ela e pedi para ver o que tinha na caixa, comecei a tirar de lá, bonecos, caminhões, acessórios de princesa e dei a eles, virei para a menina e disse “eles também brincam e adoram”.

Os alunos ali eram “grandes”, mas também “pequenos”, sorriam, mas também choravam, brincavam, mas também acreditavam, corriam, mas também não andavam, enfim, eram pessoas em busca de auxílio e entendimento do seu ser e do mundo a sua volta.

5. HUMANIZAÇÃO DO OUTRO COM O OUTRO

Segundo o dicionário Houaiss (2003), a palavra humanizar possui três significados: o primeiro diz que o humanizar é dar ou adquirir condição humana; já pelo segundo significa tornar ameno ou tolerável; por fim, o terceiro diz que humanizar é civilizar ou civilizar (se), socializar ou socializar (se), e é nesse último que está o ponto chave do título desse capítulo.

Quando se trabalha em uma instituição de Educação Especial, o termo “humanizar” se torna constante em nosso vocabulário. Na instituição onde eu trabalhava, porém, a humanização se dava apenas para alguns, isto é, para aqueles que tinham um apoio também de seus familiares, de modo que a humanização com o meio se tornava mais eficaz.

Quando alguém consegue utilizar alguma forma de linguagem, de certa maneira é como se “surgisse” para um novo mundo, focalizado no seu imaginário, junto aos sonhos e fantasias, aos seus próprios pensamentos. Segundo Freire (1997), se observarmos bem o que fazemos com o corpo ou com a mente, não são coisas tão diferentes assim.

O Leo, por exemplo, utilizava a linguagem corporal como forma de comunicação, como uma troca com o mundo que ele vivia. No entanto, isso custou a ser descoberto, pois o mesmo não conseguia se fazer entender pelos funcionários que ali trabalhavam. Como já foi dito, isso só ocorreu quando um carrinho de brinquedo entrou em cena. A partir daí, tudo se tornou mais fácil, pois a professora conseguiu socializar-se com o aluno. Biagini (1988) reforça bem isso quando diz que é necessário procurar uma comunicação verdadeira, autêntica, afetiva, que alcance até onde a deficiência pôs limites, para elevar ao máximo a qualidade de relação, a qualidade de vida.

Freire (1997) diz que para se adaptar ao mundo, transformando-o, o sujeito constrói movimentos corporais específicos, dirigidos para um fim e orientados por alguma intenção. Portanto, isso acentua ainda mais a característica corporal de Leo, já que, através da auto-agressão, tentava expressar o quanto estava angustiado, perdido, querendo ajuda. Por muitas vezes, era mais fácil tentar contê-lo para acalmá-lo, porque até então, ninguém

conseguia compreender que toda aquela raiva era um pedido de ajuda, mas através da linguagem própria que ele conhecia, ou seja, de seu corpo.

Ele possuía toda uma autonomia corporal e, quem sabe, até psíquica, mesmo que por muitas vezes fosse difícil entendê-lo por não saber como lidar com suas angústias e aflições. Aqui várias vezes foi questionado o tanto de consciência que Leo tinha para conviver com outras pessoas. A palavra “consciência” é bem explicada pela autora Ana Beatriz Barbosa Silva (2008), ao dizer que estar consciente é fazer uso da razão ou da capacidade de raciocinar e de processar os fatos que vivemos. Estar consciente é ser capaz de pensar e ter ciência das nossas ações físicas e mentais. De certa forma, Leo possuía consciência, pois fazia aquilo que lhe dava vontade, isto é, brincar com o carrinho em miniatura. Nesse caso, como diz a autora acima, ser consciente refere-se à nossa maneira de existir no mundo, e Leo se fez presente naquela escola através de seu brinquedo.

A linguagem proporciona tanto os meios para a aprendizagem quanto para a sua manifestação. No interior dos processos de aprendizagem, a linguagem é de importância crucial ao oferecer tanto um canal para expressar a aprendizagem que está ocorrendo pelo meio do brincar quanto uma maneira de internalizar essa aprendizagem para futura reestruturação e enriquecimento (MAYLES, 2002, p. 54).

À medida que o tempo passa, as inter-relações se estreitam e o outro passa a se relacionar em um ambiente com outras pessoas. Com o aluno especial, porém, essas relações são mais complexas.

Por causas de seus problemas intelectuais, a pessoa com necessidades especiais, muitas vezes, não consegue obter alguma troca com o outro, fazendo com que não seja compreendida pela maioria das pessoas, e isso lhe causa angústias e transtornos ainda piores do que ela já possui.

Aqui, o Leo, que até então não era compreendido, logo após a descoberta do brinquedo, começa a interagir com o meio através de um objeto concreto, objeto esse que para um adulto seria infantil, mas para ele não, pois foi esse carrinho que fez com que ele conseguisse se fazer entender tanto por mim quanto pelos outros. A partir do momento em que eu o entendesse, ele

poderia transferir as suas angústias e eu explicar aos leigos o que realmente estava se passando.

Sabendo do problema e como lidar com ele, foi onde tudo começou a se tornar mais óbvio. Em cada brincadeira acontecia um contato, um diálogo, uma expressão, que agora era entendida. Aluno e professora conseguiam, em certos momentos, a interação tão aguardada pela profissional.

O convívio com as outras pessoas agora se fazia presente, mesmo que não fosse pela fala, mas o simples fato de ele parar de se agredir e interagir onde estava inserido já foi uma grande conquista.

Ele conseguiu se comunicar e ser entendido, e a professora comunicar-se e se fazer entender, coisa essa que, durante um longo tempo, ficou obscura ao meu olhar. Isso porque cada contato era um grande desafio, e frustrante, além de muitas vezes conflitante. Após toda essa descoberta, entretanto, tudo começou a caminhar de outra maneira.

O diálogo e a confiança, a cada dia, se tornavam mais palpáveis, e todos ali conseguiam compreender o que se passava na cabeça do Leo, isto é, conseguiam interpretar aquilo que ele queria dizer. Houve aqui um contato com o todo, onde todos, agora, entendiam suas angústias e frustrações e, embora pareça engraçado ou banal, tudo isso se deu por causa de um carrinho de brinquedo.

Segundo Morizot (1988), cada adulto que trata com as relações humanas para evoluir o outro, no sentido educativo e de crescimento pessoal, necessariamente toma dimensão de terapeuta. E foi exatamente o que ocorreu: cada pessoa que ali tratava com ele, cada um, na sua individualidade, conseguia, de certa maneira, ter uma relação compreensível com o Leo, mesmo que em muitos dos casos não obtivessem nenhum conhecimento científico sobre o caso, até porque os terapeutas propriamente ditos são os que menos tinham contato com ele.

Feltrin (2004) fala do olhar do outro perante uma pessoa diferente. Segundo ele, “hoje o mundo só aceita aquilo que lhe traga algum benefício, onde cada um tem que superar os seus medos, traumas para conseguir fazer parte de uma sociedade até então mistificada” (FELTRIN, 2004), onde “criam-se padrões de ser e de se comportar. Os que fogem deles, em geral mais para

baixo do que para cima, são discriminados, muitas vezes ridicularizados” (FELTRIN, 2004).

Humanizar um aluno especial exige atenção, disponibilidade e força de vontade, principalmente na hora das maiores dificuldades. Necessário se faz, pois, sempre acreditar que essa tarefa pode se tornar possível, fazendo com que pequenos gestos se tornem importantes e incentivados pelo profissional que com ele trabalhe, fortalecendo assim um relacionamento de confiança e afeto entre os envolvidos.

A partir do momento em que o laço com o aluno se forma, o trabalho se faz possível e extremamente necessário, onde cada um dos envolvidos começa a sentir falta daquele contato, até então perdido, que agora se torna indispensável para o relacionamento deles. O interesse do educando só se faz constante quando algo de satisfatório lhe interesse de fato, quando o interessado continua indo em busca daquele que conseguiu com que ele se sentisse seguro para realizar aquilo que realmente lhe traga prazer.

6. O DESABAFO E UMA GRANDE LIÇÃO

Durante todo o ano passado, eu não conseguia enxergar o quanto o meu trabalho tinha sido importante para o Leo; como eu me angustiava muito, acreditava não ser uma boa profissional. Após escrever tudo isso sobre ele, porém, comecei a ver com outros olhos a minha prática e reconheci que foi gratificante. A transição de aceitar a minha saída da instituição foi árdua, mas hoje vejo que foi o melhor momento para o desligamento, pois, do jeito que percebo e lido com a vida e com os meus alunos, seria muito difícil aceitar por mais um ano todas as arbitrariedades que aconteciam naquele ambiente.

No decorrer desse trabalho, vários tópicos foram elaborados e desenvolvidos para que a temática escolhida pudesse ser esclarecida.

O “brincar” entrou como ferramenta de extrema importância para o bom relacionamento entre as pessoas, com o diálogo se fazendo presente a partir da introdução de um carrinho em miniatura no cotidiano de Leo.

O brinquedo aqui se deu como um objeto transicional, no qual o aluno transportou o seu apego para o objeto que lhe foi oferecido. O que não se soube é se o brinquedo foi apresentado a ele na sua infância ou em outra fase do seu desenvolvimento. Esse questionamento, porém, não se torna pertinente nesse momento, para o que realmente é necessário saber. O que se sabe é que, dentro da sala de aula, a partir do momento em que ele surgiu, o carrinho, muitas coisas se modificaram, isto é, a linguagem corporal de Leo começou a ser compreendida por todos que trabalhavam na instituição.

Todavia, nem sempre tudo se passava da melhor maneira possível, pois, muitas vezes, o Leo ia à escola transtornado. Mesmo assim, agora já sabíamos como lidar um pouco mais com essa situação.

Em todo sistema, muita coisa precisa ser modificada e, em uma instituição de educação especial, isso também se torna necessário. E justamente por ser um lugar no qual se lida com pessoas que necessitam ainda mais de toda a atenção que seria dada a uma escola regular, atenção essa que

é burlada a partir do momento em que interesses financeiros ditam as normas de regulamento e funcionamento.

Mesmo com todo um sistema contraditório, o trabalho foi realizado da melhor maneira possível, onde Leo pode expressar suas angústias e ser compreendido, fazendo assim uma troca constante com o outro. Pode-se dizer que, depois desse reconhecimento de si e dos outros a sua volta, o indivíduo conseguiu sentir-se melhor dentro de um meio no qual ele já estava inserido há mais de dez anos.

Por fim, pode ser afirmado que o brinquedo é uma ferramenta positiva no desenvolvimento das pessoas e que ele humaniza, mais até do que se imagina ou se espera, fazendo com que as relações interpessoais se fortaleçam ainda mais.

REFERÊNCIAS

AUFAUVRE, Marie-René. **Aprender o brincar aprender a viver**. São Paulo: Manoele, 1987.

AZEVEDO, D. M.; SANTOS J. J. S.; JUSTINO, M. A. R.; MIRANDA, F. A. N.; SIMPSON, C. A. **O brincar enquanto instrumento terapêutico**: opinião dos acompanhantes. Revista Eletrônica enfermagem (internet). 2008; 10(1): 137-144. Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/v10/ni/v10ni_a13.htm

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 1985.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões, a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BIAGINI, Angela. Que jogo jogamos? In: III Congresso Brasileiro e I Seminário Internacional de Psicomotricidade. **"Psicomotricidade: seu objeto, seu corpo, seu tempo"**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1988.

CORIAT, Lygia Centro. **Escritos da criança**. Porto Alegre. Número 4. 2ª Ed.

DUMONT, Louis. **Homo herectus**. São Paulo: Edusp, 1992.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da ed. Física. São Paulo: Scipione, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JERUSALINSKI, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LORENZINI, Marlene. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente**. São Paulo: Manoele, 2002.

LOWEN, Alexandre. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1984.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MELLO FILHO, Julio. **O ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Mini Houaiss - Dicionário da Língua Portuguesa. Edição/reimpressão: 2003. Páginas: 572. Editor: Diversos.

MORIZOT, Regina. O corpo da terapeuta. In: III Congresso Brasileiro e I Seminário Internacional de Psicomotricidade. **Psicomotricidade: seu objeto, seu corpo, seu tempo**". Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1988.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. _____. Novo Aurélio Século XXI – O dicionário da Língua Portuguesa. 3ª Ed.

PINHO, Gerson Smiech. **O brincar na infância contemporânea**. Dissertação de mestrado. UFRGS. 2001. 96F.

RODULFO, Ricardo. **O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SANTOS, Marli. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes Perigosas**. O psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

TROWEL, Judith. **Compreendendo seu filho de 3 anos**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WISE, Débora. **O grande livro dos jogos e brincadeiras infantis**. São Paulo, Mandras, 2005.